



## **Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 17    07/09/2012**

### **1. Comercialização de carne bovina no Nordeste**

A estiagem de 2012 no Nordeste vem agravando o quadro de comercialização de carne bovina na Região, que já vinha mostrando tendência preocupante ao longo dos últimos anos. Segundo pesquisa do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, ETENE - BNB, o mercado nordestino de carne bovina é dominado pelos grandes grupos, sejam frigoríficos instalados na própria Região, sejam instalados no Norte, Centro-Oeste e Sudeste.

As grandes redes nacionais de supermercados e hipermercados, em suas aquisições tomam por base requisitos comerciais que apenas os grandes grupos de frigoríficos reúnem condições de cumprir. Nas onze redes de supermercados pesquisadas pelo ETENE, os principais fornecedores de carne in natura são Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso, e em menor escala o Rio Grande do Sul.

A pesquisa apontou que a entrada de carne da Região Nordeste nas grandes redes nacionais de supermercados e hipermercados é dificultada pela insuficiência de oferta, irregularidade de suprimento, qualidade, preços, escala de produção, logística de distribuição na época previamente estabelecida, falta de padronização da carcaça resultante do sistema extensivo de criação, variação na idade e de diversidade de raças, além do problema da aftosa. Essas condições são difíceis de serem cumpridas por pequenos e até médios frigoríficos.

O abate de bovinos no Nordeste é bastante heterogêneo, englobando desde os pequenos matadouros municipais, funcionando em precárias condições sanitárias e ambientais, até frigoríficos de grande porte, tecnologicamente modernos e fiscalizados por órgãos do governo. Na área pesquisada, os matadouros e frigoríficos inspecionados sofrem uma concorrência desleal dos abatedouros clandestinos, os quais ofertam alimentos de qualidade duvidosa e comercializam produtos por menores preços, já que não recolhem impostos e encargos sociais. Ações desenvolvidas pelo Ministério Público para desativar os matadouros municipais de funcionamento precário contribuíram de forma expressiva para o aumento do abate clandestino



## 2. Novas fronteiras do rebanho bovino nacional

O ETENE/BNB analisa ainda o posicionamento das regiões e dos estados do Nordeste nos rebanhos bovinos de corte e leite, com base nos dados definitivos do Censo Agropecuário de 2006, divulgado pelo IBGE, o que pode ser visualizado por meio da Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1**  
**Variação % no Rebanho Bovino de Corte e Leite das Regiões Brasileiras e dos Estados do Nordeste entre 1985 e 2006**

	CORTE	LEITE
BRASIL	18,3	-13,1
NORTE	175,0	638,5
NORDESTE	-29,7	-34,9
SUDESTE	-15,4	-30,4
SUL	-29,2	-72,5
CENTRO OESTE	51,5	62,7
ESTADOS		
MA	27,8	75,1
PI	-57,7	-65,5
CE	-71,6	-47,8
RN	-52,5	-43,2
PB	-60,8	-56,9
PE	-64,2	-55,0
AL	-30,7	-29,8
SE	-46,9	-35,3
BA	-30,0	-24,7

FONTE:IBGE

Segundo o estudo, o rebanho de corte do Brasil cresceu 18,3% entre 1985 e 2006, com acréscimo de 17,3 milhões de cabeças. Este crescimento não foi uniforme, Tabela 1. Os rebanhos se deslocaram para as regiões Norte, com + 175,0%, e Centro-Oeste com +51,5%, acarretando redução relativa das demais regiões. O rebanho de corte do Nordeste, foi o que mais caiu, perdendo quase 5 milhões de



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO  
Secretaria de Política Agrícola  
Departamento de Economia Agrícola  
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

cabeças ou 29,7%. Com isto a participação da Região reduziu-se de 16,4% para 9,7%. Já o rebanho leiteiro do Nordeste perdeu 1,8 milhões de cabeças ou 34,9%. O estado do Ceará perdeu 71,6% do rebanho de corte e 47,8% do leiteiro. O Maranhão foi o único estado nordestino que ampliou o rebanho de corte e leite em 27,8% e 75,1%, respectivamente. Os demais estados também tiveram uma acentuada queda em termos absolutos e relativos. Segundo os autores do estudo essas reduções nos rebanhos especializados ocorridas no Nordeste entre 1995 e 2006 repetem, com atraso, um ajuste observado no Brasil no período anterior, 1985/1995, e também na pecuária bovina de outros países, significando uma troca de quantidade por qualidade, expulsando os produtores ineficientes. Por outro lado há ainda que se reconhecer dois outros fatores. O primeiro foi o declínio da produção de algodão, com a desestruturação do sistema de produção algodão-pecuária-lavouras. O segundo fato foi a evolução da cadeia de frios, associada com a consolidação do leite longa-vida, o que viabilizou mais importação de leite e carne de outras regiões.

### **3. Tendência declinante do rebanho bovino do Nordeste**

A conjunção de fatores abordados leva a pecuária nordestina tradicional para uma tendência declinante, cuja reversão o horizonte à frente não sinaliza. Não é competitiva diante das demais regiões e perde espaço numa velocidade acentuada. O Maranhão foi o único estado que ampliou o rebanho de corte e leite em 27,8% e 75,1%, respectivamente. O estado do Ceará perdeu entre 1985 e 2006, segundo Censo do IBGE, 71,6% do rebanho de corte e 47,8% do leiteiro. Os demais estados seguiram na mesma linha. A estiagem prolongada que se abateu sobre a Região no ano em curso certamente resultará em grandes perdas e acentuará a queda na participação absoluta e relativa diante do rebanho nacional. Ainda não há estatísticas que apontem a magnitude dessas perdas recentes na Região, porém, avalia-se a possibilidade de se preparar estimativas com base nas informações prestadas por instituições oficiais dos estados.